

SAÍDA TÉCNICA ESCOLAR: SOCIALIZANDO EXPERIÊNCIAS E SABERES
PRODUCTO TÉCNICO ESCOLAR: EXPERIENCIAS Y CONOCIMIENTOS
SOCIALIZANTES
SCHOOL TECHNICAL OUTPUT: SOCIALIZING EXPERIENCES AND
KNOWLEDGE

Cristianni Antunes Leal*

caleal@gmail.com

*Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Resumo

O ambiente escolar apresenta variadas metodologias de ensino e aprendizagem, uma delas é a saída com estudantes para locais pedagógicos onde a aula ocorra fora dos muros da escola, como em um museu. As saídas com os estudantes da educação básica apresentam inúmeras vantagens educacionais, mas também demanda planejamento e posturas da equipe escolar que estará acompanhando os estudantes, contudo, por meio da experiência profissional percebeu-se que nem todos os profissionais da escola, como os docentes, estão preparados para sair com discentes: Refletindo nesta problemática, o estudo surge com o objetivo de compartilhar as experiências docentes para saídas com estudantes da educação básica pública, a fim de um melhor aproveitamento destas saídas, sem perder seu teor instrutivo, mas também afetivo. A metodologia abordada foi a experiência da autora deste estudo em saídas com estudantes, portanto é um relato de experiência, sendo uma pesquisa *ex-post-facto*. Como preposição, deixa-se um modelo de autorização, controle de estudantes, 'Ofício', entre outros documentos julgados necessários para que saídas técnicas sejam aproveitadas ao máximo por estudantes e agentes profissionais, além de partilhar orientações para os docentes saírem com seus estudantes e que de fato a saída gere frutos férteis em todos os participantes: o capital cultural.

PALAVRAS CHAVE: Educação básica; Formação de agentes profissionais para saídas; Recomendações para sair com estudantes; Relato de experiência; Saberes docentes.

Resumen

El ambiente escolar tiene diversas metodologías de enseñanza y aprendizaje, una de las cuales es la partida con los estudiantes a lugares pedagógicos donde la clase se lleva a cabo fuera de las paredes de la escuela, como en un museo. Salir con estudiantes de educación básica tiene numerosas ventajas educativas, pero también requiere planificación y actitudes del equipo escolar que acompañará a los estudiantes, sin embargo, a través de la experiencia profesional se notó que no todos los profesionales de la escuela, como los maestros, están preparados para salir con los alumnos. Al reflexionar sobre este problema, el estudio surge

con el objetivo de compartir las experiencias de enseñanza para salidas con estudiantes de educación básica pública, a fin de hacer un mejor uso de estos medios, sin perder su contenido instructivo pero también afectivo. La metodología abordada fue la experiencia del autor de este estudio al salir con los estudiantes, por lo que es un informe de experiencia, que es una investigación ex-post-facto. Como preposición, dejamos un modelo de autorización, control de estudiantes, 'Office', entre otros documentos que se consideran necesarios para que los estudiantes y agentes profesionales utilicen al máximo los puntos de venta técnicos, además de compartir pautas para que los maestros salgan con sus estudiantes y que de hecho la salida genera frutos fértiles en todos los participantes: capital cultural.

PALABRAS CLAVE: Educación básica; Formación de agentes profesionales para salidas; Recomendaciones para salir con estudiantes; Informe de experiencia; Enseñanza del conocimiento.

Abstract

The school environment has varied teaching and learning methodologies, one of which is the departure with students to pedagogical places where the class takes place outside the school walls, as in a museum. Going out with basic education students has numerous educational advantages, but it also requires planning and attitudes from the school team that will be accompanying students, however, through professional experience it was noticed that not all school professionals, such as teachers, are prepared to go out with students. Reflecting on this problem, the study arises with the objective of sharing the teaching experiences for outings with students of public basic education, in order to make better use of these outlets, without losing their instructive but also affective content. The approached methodology was the experience of the author of this study when going out with students, so it is an experience report, being an ex-post-facto research. As a preposition, we leave a model of authorization, student control, 'Office', among other documents deemed necessary for technical outlets to be used to the maximum by students and professional agents, in addition to sharing guidelines for teachers to go out with their students and that in fact the exit generates fertile fruits in all participants: cultural capital.

KEYWORDS: Basic education; Training of professional agents for outings; Recommendations for going out with students; Experience report; Teaching knowledge.

1. Introdução

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire.

As atividades pedagógicas fora do ambiente da sala de aula, seja na educação básica ou no nível superior são possíveis de ocorrer desde que haja objetivo e planejamento da ação

e cooperação entre os agentes profissionais escolares. É um momento muito fértil e um instrumento de ensino e aprendizagem para variados temas disciplinares, intradisciplinares e interdisciplinares, cooperando para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo, por se tratar de uma aprendizagem experiencial, pessoal e intransferível.

Tais atividades pedagógicas que ocorrem fora do ambiente da sala de aula podem ser nomeadas de: saída técnica, excursão, saída, visita, passeio, trabalho de campo, atividade de campo, estudo de campo, estudo do meio, viagem de estudo, aula-passeio, saída de campo, aula de campo, prática de campo, esses e outros termos sinônimos podem ser utilizados quando trata-se de sair com o estudante para um local onde a aula ocorra fora das paredes do ambiente educacional formal, aqui neste trabalho nomeia-se de saída técnica escolar.

Os espaços pedagógicos a serem visitados podem ser: Museus, áreas de proteção ambiental, trilhas, fortaleza, cinema, teatro, parques, cidades, uma empresa, exposições, Universidades, circo, zoológico, praia, feira, entre outros. Portanto o termo, aqui adotado, ‘saída técnica’ é um termo guarda-chuva que abarca outros, como os citados anteriormente. O nome ‘passeio’ é geralmente falado pelos estudantes da educação básica, porém dá um tom jocoso ao trabalho que dá sair com estudantes. Não se trata apenas de um passeio, embora reconheça que para os jovens o passeio ocorra.

A saída técnica escolar é a saída que ocorre na educação básica, portanto, trata-se de uma saída com os estudantes em prol de uma educação formal, sendo amparada pedagogicamente como importante por adicionar e/ou complementar aprendizagens além dos livros escolares e das disciplinas que os estudantes vivenciam na escola.

Um problema desafiador nas saídas técnicas com estudantes da educação básica são os quesitos segurança, investimento, planejamento, orientação. Há também a necessidade de cuidados básicos, como os citados por Leal; Miranda; Nova (2018) ao sair com estudantes e se utilizar de saídas técnicas como estratégia de aprendizagem, são eles “(1) a integração com o assunto estudado; (2) a preparação conjunta com os alunos; (3) a conscientização de que a visita técnica não se esgota nela mesma” (p. 18). Logo, percebe-se que sair com estudantes não é apenas um ‘passeio’, mas mais uma estratégia didática de ensino e aprendizagem e que requer planejamento do docente para obter seu êxito: a aprendizagem.

Há pesquisas que abordam a saída com os estudantes e que podem coadunar para o desenvolvimento desta estratégia didática (VILLELA, 1991; ARAÚJO; PRAXEDES, 2013; ÁVILA, 2016; FORTUNADO, 2016; LIMA, 2016; LIMA, 2017; SANTOS et al., 2018; BARROS; VIEIRA, 2019), esses estudos apoiam e reforçam como é importante para o

estudante da educação básica experimentar saídas técnicas com o objetivo de aprender, de viver o conhecimento, para isso, os docentes precisam também ser ensinados para melhor aproveitar esta prática pedagógica, porque nem todos os docentes tiveram esta instrução em sua formação inicial ou continuada, sendo, por isto um conhecimento experiencial que os docentes aprendem com outros, tornando-se em um saber experiencial (TARDIF, 2014; LEAL; MEIRELLES, 2019). Portanto a saída com esses profissionais inexperientes se torna uma formação de agentes profissionais para saídas *in situ*.

Uma problemática arguida por alguns agentes escolares é por que sair com estudantes? A resposta não é singular, pois por meio das saídas os estudantes podem vivenciar outras experiências, observar outros comportamentos, ter contato com outras culturas, entre outros. A lista de respostas não se finda tão rápido, mas justifica-se que é uma experiência muito rica para os educandos. Além disso, há a questão da família, para uma pessoa da família sair com a escola, saí mais em conta financeiramente do que fazer a mesma saída, mas com a família toda. Sendo assim a questão financeira também pesa nas decisões familiares quando debatem se vale a pena ou não deixar o indivíduo sair com a escola e na responsabilidade da mesma.

Em vista disto, a ideia para este estudo surgiu de uma observação pessoal em escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro, pois aproximadamente em outubro de 2019 a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) liberou uma verba para todas as escolas da sua rede realizarem saídas técnicas, sendo mais de mil escolas da SEEDUC-RJ. Cada escola recebeu em torno de vinte e dois mil Reais para o aluguel de ônibus, a origem desse dinheiro não foi divulgada e o destino dessa verba só poderia ser usado para o aluguel de ônibus no trimestre final de 2019, o que exigiu dos docentes muita agilidade e criatividade para aproveitar pedagogicamente tal resolução. Então, a partir de outubro de 2019 todas as escolas da SEEDUC-RJ tiveram a oportunidade de levarem seus estudantes a locais educativos, o que é denominado aqui de saída técnica. Tal verba não contemplou ingressos, alimentação e nem hospedagem, apenas o aluguel de ônibus. Deixando com os responsáveis pela saída a escolha do local a ser visitado.

Observou-se que alguns professores ‘saíam’ mais que outros, mesmo que a oportunidade fosse dada a todos, isto, percebeu-se depois, que foi por falta de conhecimento do corpo docente e de agentes profissionais escolares em como organizar uma saída técnica com estudantes de forma segura, alguns profissionais demonstraram receio em sair com estudantes. Os profissionais desconheciam a questão da autorização, do agendamento do local, do telefone do motorista, locais para visitação, da vestimenta do dia, da postura

profissional em um local aberto, necessitando, portanto, de uma pessoa com mais experiência em saída com os estudantes para conduzir e ser o responsável pela saída.

O que foi vivenciando e aprendido durante o último trimestre de 2019 com o compartilhamento de experiências e de saberes, espera-se que seja dividido com os demais professores e agentes profissionais escolares e, estes saibam aproveitar ao máximo todas as oportunidades que as saídas técnicas possibilitam. Para isso, Tardif (2014) divide os conhecimentos dos professores em quatro eixos, são eles:

Entretanto a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2014, p. 36 – grifo nosso).

Os saberes experienciais são aqueles em que um docente aprende com o outro, ou observando a comunidade escolar, porque o saber experiencial é validado pela vivência e experiência, podendo ser compartilhado por uma conversa, por exemplo, ou acompanhando colegas mais experientes, como os demais agentes escolares em alguma atividade profissional. O professor desenvolve “um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos” (TARDIF, 2014, p. 39). É sob essa abordagem que os professores podem aprender mais com as saídas técnicas ao acompanhar professores mais experientes e assim, desenvolver autonomia e proatividade para as suas futuras saídas.

Portanto, este estudo tem o objetivo de compartilhar as experiências docentes para que as saídas técnicas com estudantes da educação básica pública ocorram, a fim de um melhor aproveitamento destas saídas, sem perder seu teor de instruir, mas também afetivo. Como preposição, deixa-se um modelo de autorização, controle de estudantes, ‘Ofício’, entre outros documentos julgados necessários para que saídas técnicas sejam aproveitadas ao máximo por estudantes e professores, além de partilhar orientações para os docentes que tiverem acesso a este estudo saírem com seus estudantes. O estudo também aborda a formação de agentes profissionais para saídas técnicas e a própria saída planejada pelos profissionais.

O trabalho então é dividido em cinco seções, sendo elas o aporte teórico onde é investigada a origem das saídas, com Célestin Freinet e suas ‘Aulas-passeio’, a importância dos saberes docentes como formativos para professores e profissionais da educação inexperientes; seguido do encaminhamento metodológico desta pesquisa que se mostrou em um relato de experiência; a terceira seção é o resultado na forma de uma lista de controle para

planejar uma saída, como um *checklist*; em seguida há a seção discussão onde os resultados vivenciados foram debatidos com o aporte teórico e finaliza-se com as considerações finais.

2. Aporte teórico

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Paulo Freire.

Este capítulo tem como intuito trazer autores que defendem a saída de estudantes para outros espaços que também são educativos e formativos, já que “as atividades pedagógicas realizadas fora do ambiente da sala de aula podem constituir-se como um importante instrumento de aprendizagem, na medida em que se mostram como alternativas para o ensino” (LEAL; MIRANDA; NOVA, 2018, p. 16).

Define-se atividade de campo [saída técnica] como o trabalho acadêmico que requer o deslocamento do estudante para um ambiente alheio aos espaços contidos na escola; atividade de campo em ciências é um estudo *in loco* de uma realidade extraclasse. A atividade de campo engloba o uso dos sentidos humano para captar e apreender informações do ambiente visitado, considerando também o conhecimento previamente adquirido pelo estudante (seja por experiência própria ou por outras fontes, como: bibliografia, aulas, palestras ou falas interpretativas). Essa definição amplia as possibilidades de aplicação da atividade de campo em diversos conteúdos e contextos (LEAL; MIRANDA; NOVA, 2018, p. 202-203).

As saídas técnicas com escolares têm como intenção o ensino e aprendizagem, que pode não ocorrer no momento, mas no futuro do estudante que participou, pode despertar uma centelha e assim, invocar sua memória e apreender o conteúdo intencionado na saída técnica, ou despertar outros interesses, aqui interpretados como capital cultural. Desse modo e parafraseando o escritor, jornalista, editor e político colombiano Gabriel José García Márquez: “o que você viveu ninguém rouba”. Mora (2017) alinha-se a essa ideia quando explora a neurociência com a educação, afirmando que são experiências que abrem os cérebros juvenis para a aprendizagem.

Percebe-se que a atividade extraclasse enriquece o conhecimento dos participantes, incluindo os responsáveis pela saída. E há uma necessidade de formar os agentes profissionais (professores e profissionais da educação) para as saídas na formação continuada, já que trata-se de um quesito que não ocorre na formação inicial: a formação para a saída com estudantes.

Imbernón (2010) alega na defesa por uma formação continuada para os professores que “em qualquer transformação educacional, os professores poderão constatar, não somente

um aperfeiçoamento da formação de seus alunos e do sistema educacional em geral, mas ainda benefícios em sua própria formação e desenvolvimento profissional” (IMBERNÓN, 2010, p. 30). Também alega que formação não é treinamento, é vivência compartilhada.

O pesquisador Imbernón (2010) defende que há caminhos para melhorar a formação docente continuada, que nem sempre precisa ser creditada, como em cursos que deem certificados. Um exemplo, é que não existem cursos de formação inicial que ensinam professores a saírem com estudantes e a realizarem saídas técnicas, portanto, é na, e com a prática, mais docentes experientes que os profissionais da educação aprendem a realizar saídas técnicas e transformá-las em uma estratégia de ensino e aprendizagem. Uma vez que os professores compartilham na interação, na troca de ideias e conhecimentos entre os membros do grupo/colégio.

Tardif (2014) valoriza as trocas entre os agentes como uma formação no local de trabalho. As trocas ocorrem por meio de conversas, cursos, encontros, observações, orientações, qualquer forma onde ocorra reciprocamente os saberes experienciais e que enriqueçam a cultura um do outro.

Os professores responsáveis precisam escolher as atividades de ensino que ocorrerão na saída técnica e as estratégias didáticas apropriadas para o grupo, respeitando a idade dos escolares que irão à saída técnica. Tendo o entendimento que se assume um risco com a inovação da saída com estudantes. Apesar disso, as saídas técnicas são eventos inspiradores para os participantes e uma eficaz técnica de metodologia de ensino e aprendizagem (MORA, 2017).

Ao se realizar o resgate histórico sobre a origem pedagógica das saídas técnicas e de atividades extraclasse que podem ser desenvolvidas na educação básica, tem-se na memória a figura do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) com suas ‘Aulas-passeio’. ‘Aula-passeio’ é um dos instrumentos de ensino propostos na Pedagogia de Freinet, posteriormente denominada Movimento da Escola Moderna (ARAÚJO; PRAXEDES, 2013).

Para Barros; Vieira (2019) ‘Aula-passeio’ são atividades extraclases eficazes para mobilizar e construir novas formas de pensar e agir, colabora para a compreensão acerca da relação entre a teoria e a prática discutida em sala de aula. E conduz os estudantes a novas vivências e proporciona novas experiências de ensino e aprendizagem.

Sendo contra a educação tradicional, Célestin Freinet desenvolveu atividades consideradas atualmente comuns na escola, mas quando surgiu na França, foi uma novidade na educação, como as ‘Aulas-passeio’ que é uma educação ativa em volta do estudante.

Freinet reelaborou algumas normas da educação tradicional vigente até então e colocou os estudantes no centro do processo educativo e sendo interpretados como capazes de dominar e transformar o meio, o francês acreditava na pedagogia do trabalho que defendia o ensino de conteúdos disciplinares para mudanças de classe e aquisição de direitos. “A escola, portanto, deve preparar a criança pela vida e para a vida, dentro de uma participação ativa e dinâmica” (VILLELA, 1991, p. 53).

A técnica didática ‘Aula-passeio’ foi desenvolvida por Freinet com a percepção que fora das paredes da escola, as crianças eram mais participativas. De acordo com Villela (1991), Freinet “observava e notava tudo o que desagradava ou entusiasmava as crianças, percebendo que a ausência de regras sem sentido e o ‘mundo de fora’ as interessavam muito mais do que as cansativas aulas estáticas que ele era obrigado a dar” (VILLELA, 1991, p. 52). Surgiu das observações seu conceito de ‘Aulas-passeio’. Para Freinet, a ‘Aula-passeio’ pode ser realizada nos mais diferentes lugares e espaços, como na rua da escola, na feira livre, entre outros.

Embora o termo em si (‘Aula-passeio’) dê a entender que seja um entretenimento, a ‘Aula-passeio’, neste trabalho ressignificada para saída técnica têm importantes colaborações para a formação dos educandos, pois é uma forma de dinamizar o ensino, favorecer o desenvolvimento de potencialidades individuais nos estudantes e estimular os discentes a compartilhar seus novos conhecimentos em seu coletivo.

Enquanto que Vieira; Vieira (2005) vislumbram essa estratégia didática como vivências da vida real, denominando-a de trabalho de campo. Os autores afirmam que por ser fora da sala de aula, os estudantes tem contato com o meio e a oportunidade de manipular materiais, fazer observações, refletir, entre outras. Além de acharem importante a confecção de um relatório por parte dos estudantes sobre a saída técnica para ser entregue aos docentes.

Deste modo,finda-se este capítulo que abordou a formação dos profissionais para as saídas e as justificativas da importância em realiza-las com estudantes.

3. Encaminhamento Metodológico

“Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo”.

Paulo Freire.

Nesta seção são apresentados os passos para este estudo que aborda a saída técnica com estudantes da educação básica. É uma pesquisa com abordagem qualitativa com a

intenção de instruir docentes e agentes profissionais escolares a se prepararem para uma saída técnica com estudantes, por isso, é descritiva e com exemplos de documentos que os docentes podem utilizar como modelo e modificar de acordo com seu contexto. E não deixa de ser um relato de experiência vivenciada em 2019.

De acordo com Silveira; Córdova (2009) são exemplos de pesquisa descritiva: estudos de caso, análise documental e a pesquisa *ex-post-facto*. Por ter tido como objeto de análise as visitas técnicas que ocorreram no ano de 2019, esta pesquisa é, portanto qualitativa, descritiva e *ex-post-facto*, porque o estudo se realizou depois do fato, ou seja, a pesquisa foi em cima de eventos que já ocorreram e sobre eles são realizadas as reflexões e análises.

4. Proposição: lista de controle para os agentes profissionais da educação

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire.

Esta seção tem a intenção de compartilhar as vivências de uma professora da educação básica que têm mais de dez anos de experiências (do sexto ano dos anos finais do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio) saindo com estudantes. A proposição é o resultado deste estudo onde são apresentadas tarefas e orientações realizadas pelos profissionais com os estudantes fora do ambiente da sala de aula. São conselhos e, cada docente em seu contexto, em sua realidade pode e deve ressignificar tais resultados para seu contexto social; trata-se de recomendações, e não de diretrizes. Segue na forma de lista de controle para ser mais fácil sua visualização, e seguro para o deslocamento do estudante para um ambiente diferente, logo, é descritivo e já contendo orientações nos tópicos.

✓ Equipe de agentes profissionais para saída com os escolares

A partir do momento em que o docente (ou um grupo de docentes) decide sair com os estudantes é importante chamar colegas para cooperarem com a saída técnica. Em uma saída com 40 estudantes a partir do sexto ano dos anos finais do Ensino Fundamental, o indicado no mínimo são três docentes. Um na frente, os estudantes em fila mais em trio, um docente no meio e um docente encerrando a fila, não pode haver estudantes após os professores.

Quanto mais profissionais, melhor, ainda mais se a saída for em espaços abertos, como conhecer uma Cidade, um parque, conhecer uma Universidade. Mas se for em museus, três é o número mínimo para começar a pensar em sair com estudantes. Necessário orientar os

responsáveis de suas funções na saída: garantir o bem estar dos estudantes.

Indica-se chamar agentes profissionais escolares com os quais o professor tem afinidade, mas que sejam proativos e cooperativos.

✓ Local da saída técnica

Se o docente já conhece o local a ser visitado torna-se mais fácil, mas caso contrário, é importante os docentes conhecerem o espaço, mesmo que seja pela internet. O local a ser visitado deve ser agendado, se possível pedir visita guiada, assim os estudantes não ficam ociosos enquanto aguardam os demais e os monitores do local a ser visitado também ajudam a tomar conta dos estudantes. É importante agendar o local com um tempo hábil para manobras, como um mês de antecedência. Pedir orientações de como proceder, aonde parar o ônibus, aonde os estudantes irão desembarcar, entre outras informações. Os locais que tem agendamento pedem o contato do professor responsável caso haja algum imprevisto, ideal é dar o número do telefone e o correio eletrônico (*E-mail*). Se o local for gratuito ou se for pago, perguntar o valor e se escola pública com 'Ofício' também paga. Coletar todas as informações que julgar importante para o agendamento do local.

✓ Permissão da equipe diretiva

Uma vez que já entrou em contato com o local a ser visitado e este permitiu a visita, é o momento de solicitar a permissão à direção da escola. Normalmente pede-se um documento onde o docente justifica a importância dos estudantes visitarem o local pretendido, com objetivo da saída (o quê?), justificativa da saída (por quê?), quantos estudantes, quais profissionais irão, justificar por que estes profissionais foram convidados e se a escola consegue pagar o aluguel do ônibus. Senão pagar o ônibus e se a escola permitir, o docente precisa procurar uma empresa de ônibus e pedir o orçamento para o aluguel para tal data, local e tal horário. O ideal é ônibus com banheiro, estudantes passam muito mal de enjoo e cólica. É muito importante conhecer o número total de assentos, pois na viagem ninguém pode ir em pé. Lembrar-se dos assentos dos profissionais que irão.

Em poder do orçamento o professor divide o valor pelo número de estudantes e pede para que eles paguem este valor; justificando que é para o aluguel do ônibus. Se for um grupo menor, uma van também é um bom transporte e o número de professores diminuí, podem ser apenas dois, um na frente e um no final da fila. A equipe diretiva precisa ser avisada que professores irão arrecadar o dinheiro, mas para o aluguel do transporte, até para justificar-se

perante tutores que venham argumentar. Feito isso, liga-se novamente para o local a ser visitado e confirma a ida dos estudantes para o dia agendado, assim como para a empresa que aluga o ônibus ou van.

Os três pontos citados (equipe, local e permissão) podem ser vistos concomitantemente, não há a necessidade de esperar a resposta do local a ser visitado para comunicar a equipe diretiva da intenção de sair com os estudantes.

✓ Seleção dos estudantes que irão à saída técnica

Uma vez que as etapas anteriores foram aceitas pela equipe diretiva, é o momento de comunicar os estudantes. Se for o ônibus pago pelo estudante, vai quem for da série escolhida, exemplo, saída para o ‘Museu da Vida da Fiocruz’, a prioridade são estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental, mas se tiver mais turmas no colégio, vai quem primeiro dar o valor do aluguel do ônibus. Se for o ‘Museu da Geodiversidade da UFRJ’, a prioridade são estudantes do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental, vai quem primeiro dar o valor para pagar o aluguel. Se for para visitar uma Universidade, a prioridade são estudantes do Ensino Médio. O professor vai divulgando a saída técnica para aqueles que são a prioridade por meio das redes sociais, ou comunicando nas salas de aula, por exemplo.

Importante dar um prazo para o estudante dar a resposta, porque ele pode querer ir, mas a família pode não ter condições de arcar com a passagem mais a alimentação do estudante.

Mas se for um ônibus gratuito, ou seja, a escola que o está alugando, os docentes, junto com a equipe pedagógica fazem a escolha dos estudantes. Para que seja mais justa e democrática. Esta saída patrocinada pelo colégio pode ser a única saída que um estudante pode ter a oportunidade de ir, e como os docentes passam menos tempo na escola, quando comparado com a equipe pedagógica, o ideal é que ajam escolhas justas e em conjunto. Assim, burla-se a questão da série escolhida.

Pensar nos estudantes com necessidades educacionais especiais que estão presentes na série escolhida, eles tem todo o direito de ir também à saída. Se este estudante tiver a presença do acompanhante, este profissional, precisa ir. Se não tiver, ou vai um profissional responsável ou pode-se até mesmo chamar um familiar e orientar, mas é necessário incluir o estudante em todas as etapas pedagógicas da saída. É importante considerar aqui que os estudantes são extremamente solidários com os colegas com necessidades educacionais especiais, eles se ajudam.

Uma estudante gestante precisa ser orientada a não realizar esforços durante a saída técnica, deve orientá-la a levar sua medicação caso esteja tomando, um atestado médico e ter o contato do responsável.

Um documento deve ser preparado para que o docente não perca o controle dos convidados (ou dos pagantes), o número vai até o total de assentos no ônibus ou na van (FIGURA 01).

Nome da escola e data da saída						
✓ Local a ser visitado						
Relação dos estudantes para local a ser visitado						
✦ R\$ XX (valor que o estudante está pagando para o aluguel do ônibus)						
			↓			
Nº	Nome do estudante	Turma do estudante	Pagamento \$ xx,00	Autorização entregue	Autorização recebida	Celular do dia
1)						
2)						
3)						
4)						
5)						
6)						
7)						
8)						
9)						
10)						
11)						
12)						
13)						
14)						
15)						
16)						
17)						
18)						
19)						
20)						

Figura. 1 . Controle para uma saída técnica

O documento é simples e pode ser feito usando o *Word* (prefere-se que seja no *layout* da página na orientação paisagem) e anotado à mão livre de caneta. Nele consta o número de assentos do ônibus o que indica quantos poderão ir (incluindo os profissionais, pois todos precisam ir sentados), seguido do nome completo do estudante, a turma do estudante (informações básicas para rapidamente encontrar o estudante caso seja necessário), se for saída paga, a coluna realçada indica o valor pago (se não for paga é apenas tirar essa coluna), na próxima coluna, se o estudante levou a autorização que precisa ser preenchida e assinada pelo tutor do estudante (importante não ter rasuras, porque pode indicar adulteração da assinatura) e se ele a devolveu. Uma dica importante é ter o número do celular do estudante.

Com esse documento o professor já consegue se organizar e não extrapolar o número de assentos e perceber se conseguirá ou não fazer a saída técnica. O nome dos agentes escolares também entra nessa lista.

✓ Divulgação da saída técnica

Se for paga, os professores precisam anunciar na escola e nas séries desejadas a saída e o valor a ser pago para o aluguel do ônibus. Mas se não for paga, os professores precisam estimular os estudantes a desejarem ir. Há muitos que por nunca terem saído, tem medo, são inibidos. Importante anunciar a saída com o sítio eletrônico do local, com a data e horário. Assim, os tutores dos estudantes também ficarão sabendo do local que será visitado, incentivando os estudantes a irem.

Na divulgação é mais vantajoso ir na sala de aula para anunciar a saída do que colar um cartaz com a comunicação. As interações tornam-se mais rápidas e os estudantes identificam quem devem procurar para colocar seu nome na lista.

✓ Autorização

Autorização é um documento importantíssimo para que ocorra a saída com estudantes menores de idade. Precisa ter o nome do colégio, o local a ser visitado, o dia e o horário para estar no colégio e a previsão de retorno. Importante indicar que não se assina autorização de lápis. Na Figura 02 segue um exemplo.

<p><u>Nome completo do colégio</u> Endereço completo do colégio Tel.: telefone do colégio</p> <p><u>AUTORIZAÇÃO</u></p> <p>✓ <u>Leia com atenção e preencha todos os campos com letra legível e de caneta azul.</u></p> <p>Pelo presente termo, eu (nome do responsável) _____,</p> <p>Autorizo o/a aluno(a): _____ da turma _____ a visitar o <u>LOCAL A SER VISITADO</u>, na Cidade do xxxx – Estado. No dia <u>data, mês e ano</u> (dia da semana) acompanhados pelos professores do Colégio Nome do colégio. Trata-se de uma visita técnica.</p> <p>* Não há a devolução do dinheiro por conta do compromisso com o aluguel do ônibus. ←</p> <p>▶ Saída do Colégio: 08h ▶ Retorno previsto: 18h30h (trânsito). Desembarque na Rua <i>nome</i>.</p> <p>Nº da identidade do aluno: _____</p> <p><u>Os alunos, sem exceção, deverão comparecer uniformizados e de tênis confortável com meia! Leve mochila com lanche e um agasalho.</u></p> <p>Nº do celular que o aluno estará portando no dia da visitação: _____</p> <p>Leve documento de identidade e lanche! Se o aluno tem o costume de tomar algum medicamento, por favor, leve o remédio. Se for alérgico a picada de mosquitos: repelente.</p> <p>* Entregue esta autorização o quanto antes para o preparo do Ofício.</p> <p style="text-align: right;">Município, _____mês e ano.</p> <p style="text-align: center;">_____ Assinatura do responsável / nº do celular do responsável</p> <p style="text-align: center;">----- Recorte, guarde com você e avise seus responsáveis: - Saída: Local a ser visitado – data</p>
--

Figura. 2. Modelo de autorização para saída técnica

esquecimentos.

Importante orientar os jovens a não consumir bebidas alcoólicas e nem sair com estranhos. Nos exemplos aqui dados, trata-se de uma saída que ocupa o dia todo, mas podem ocorrer saídas de meio período. É questão de adaptar. Assim como a vestimenta que o colégio irá liberar para os estudantes.

A equipe dos agentes escolares precisa também se organizar em sua vestimenta, lanche, remédios, ou seja, as mesmas orientações dadas para os estudantes também servem de orientação para os profissionais.

✓ O ‘Ofício’

O que é chamado de ‘Ofício’ neste estudo é um documento com o logo do colégio e uma série de informações, como nome dos professores, dos estudantes, número de identidade. Normalmente são duas vias, uma fica com o motorista do ônibus, caso seja parado por alguma autoridade e esse possa mostrar que se trata de uma saída com escolares, ou até mesmo para estacionar o ônibus em um local da instituição que será visitada. A outra via, fica com o professor regente, com essa, pode conseguir a gratuidade da entrada dos estudantes (o ‘Jardim Botânico do Rio de Janeiro’, por exemplo, permite a gratuidade por meio deste documento para escolas públicas), mostrar nas portarias das instituições que serão visitadas (FIGURA 4).

Logo da escola	Identificação do colégio Colégio X Xxxxxx Ato de Criação: Decreto nº CNPJ 00 E-mail: c U.A. xxx CENSO/INEP: xxxxx Endereço Tel.: xxxx-xxxx	Município, dia de mês de ano.
		Assunto: visitação ao espaço: Nome do local a ser visitado
“NOME DO LOCAL QUE SERÁ VISITADO”		
Apresentamos abaixo os nomes dos alunos de nossa Unidade Escolar que estarão visitando o Nome do local que será visitado no dia <u>data, mês e ano</u> , no horário de 09h; com previsão de retorno para às 19 horas. Os mesmos estarão acompanhados e na responsabilidade dos professores do Colégio Nome do colégio.		
Professores: Nome dos professores e número da identidade de cada um.		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Professor. Identidade. Celular 2. Professor. Identidade. Celular 3. Professor. Identidade. Celular 4. Professor. Identidade. Celular 		
Relação dos alunos e número de identidade:		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome do aluno completo – Número da identidade do estudante (de todos os estudantes) 		Inserir o nome e a identidade de todos os estudantes. Se forem 40, colocar os 40 nomes mais o número da identidade.
Sem mais e ficando a disposição para quaisquer esclarecimentos. Atenciosamente,		

1		

Figura. 4. Modelo Ofício para a saída com os estudantes

Esse documento precisa ser assinado e carimbado pela equipe diretiva. Uma cópia

com o motorista e a outra com o professor responsável. Ideal que seja preparado com antecedência para minimizar os erros e atrasos no dia da saída, por isso que pede-se na autorização para ser entregue com antecedência para já iniciar a digitação dos documentos. Mas deve ser atualizada no dia da saída.

✓ Lista de chamada

Com as autorizações nas mãos, inicia-se a preparação da lista de chamada. Mas, nada garante que no dia da saída técnica algum estudante não compareça. Por isso, o ideal é preparar uma lista prévia (não imprimir), mas sabendo que ela deve ser verificada no dia da saída. São os mesmos nomes do 'Ofício'. A lista de chamada é para todos os agentes escolares que forem na saída. Uma cópia atualizada fica na escola para que os funcionários da escola saibam quem realmente foi na saída. Todos os agentes escolares precisam ter uma lista para realizar a chamada frequentemente, se são cinco agentes, faz-se seis listas, uma cópia fica na escola, com a direção. Na figura 5 há um exemplo.

Colégio Nome do colégio									
Local da Saída Técnica – data da saída									
Professores responsáveis: xxxx, xxxxx, xxxxx, xxxxx									
Lista de chamada									
Nº	Nome	Turma	CHAMADA						
1)	Nome do estudante								
2)									
3)									
4)									
5)									
6)									

Figura 5. Modelo de lista de chamada

O ideal é que os estudantes já saibam da lista de chamada e a ordem em que serão chamados (pode ser organizada por ordem de chamada, ou pela turma), assim evita-se aglomerações desnecessárias. Muito importante que cada responsável da saída tenha uma lista para frequentemente realizar a chamada. Esse é um documento que fica apenas com os agentes profissionais escolares. Orientar os estudantes a nunca andarem sozinhos e nem encobertarem as ações de seus colegas. Pedir a gentileza para que os colegas também ajudem a tomar conta dos demais.

Se a saída for grande e envolver mais de um ônibus da mesma escola, cada ônibus tem a sua documentação, assim como os estudantes ficam no ônibus que estão indicados na documentação. Não há trocas, nem de profissionais.

✓ Roteiro da saída técnica

Os professores precisam elaborar um roteiro da saída técnica, com se fosse um manual de prática, para que o objetivo da saída de promover o ensino e a aprendizagem seja alcançado. No roteiro deve haver: parada para o banheiro, alimentação, locais a serem visitados como prioridade, ver o tempo climático para locais abertos, a mediação com o local a ser visitado, anotações, descanso, sociabilidade dos jovens, entre outros.

Sobre o horário, o ideal é que tenham meia hora de vantagem, exemplo, se o local fecha às 16h, marcar com os estudantes o retorno às 15h30, pois muitos ainda vão querer ir ao banheiro, vão alimentar-se.

O roteiro serve como um esboço para dividir o tempo e aproveitar ao máximo a saída, é adaptável e precisa considerar a experiência do docente responsável e da equipe que montou. São os passos que serão seguidos para alcançar o objetivo da saída técnica a fim de orientar o estudante sobre o espaço visitado. Nada impede de pedir orientação aos profissionais do local visitado, eles também têm experiências para compartilhar.

Se o local da saída técnica apresentar a figura do mediador, este profissional já tem o roteiro dele, cabe aos docentes ficarem vigilantes para o grupo de estudantes não se dispersarem e aproveitarem a saída. Mesmo com o mediador, os agentes escolares acompanham o grupo. Em geral os mediadores aceitam bem a participação dos agentes escolares quando querem fazer uma contextualização com a escola e com o ensino, por exemplo.

✓ Mediação

Na saída técnica vai-se atrás de um objetivo, e um deles é a interação do local com o estudante com a intenção de alcançar o ensino e a aprendizagem, mas eles precisam ser apresentados, portanto, se tiver um mediador no local, este assume a fala e as orientações, mas se não tiver, os professores assumem este papel. É importante ter este momento, caso contrário torna-se realmente um passeio.

Os agentes profissionais escolares podem buscar informações na internet e buscar a história do local, fazendo sempre uma contextualização com a realidade da escola e as disciplinas. Este é um dos momentos mais importantes e que de fato, justifica o investimento na saída técnica. O que normalmente ocorre é que os professores fazem saídas com estudantes próximas de suas disciplinas por se sentirem mais à vontade para realizar a mediação ou

complementar com uma contextualização.

✓ Imprevistos

Imprevistos ocorrem. Por isso ser necessário fazer o planejamento que antecipa a ação. Inicia-se com o agendamento do local a ser reservado e do ônibus com horário. Não se esquecer de pegar o contato do motorista no dia para ligar para o mesmo vir buscar os estudantes, alguns estacionam longe do local a ser visitado.

A vestimenta dos estudantes, cada escola avalia, mas uma vez na autorização, não há como burlar, pois vira-se uma constância nas próximas saídas, o estudante pensa: “pode-se burlar porque sempre deixam ir”, se assim ocorrer a escola no futuro dificilmente terá como reclamar desse hábito. Reforçar a recomendação de usarem meia de cano longo com calçado confortável, com o passar das horas as meias de cano curto vão embolando nos pés. Não deve-se estrear uma roupa nova, um tênis novo na saída técnica. Como são muitas horas em pé e andando, os estudantes podem não estarem acostumados, logo a recomendação é usar o que já se conhece, o que se sente confortável e que não dói.

Se a saída for para tomar banho de praia, piscina ou cachoeira, recomenda-se que os meninos estejam com bermuda de tecido tãctel e as meninas com a parte de cima do biquíni/maiô/top e um *short* na parte de baixo. Não se isolar e fiquem próximos aos salva-vidas. É complicado em uma saída escolar os adolescentes estarem trajando roupas de banho como sungas e biquínis, para que todos aproveitem e com bom senso, o ideal são as recomendações acima: bermuda e *short*. São questões éticas e estéticas que os jovens podem ainda não terem amadurecido.

Estudante passou mal? Não pode medicar os estudantes, pois não há garantias de que são ou não alérgicos. Em caso de vômito e enjoo pode-se oferecer água tônica. Mas medicamentos, a escola não pode oferecer. Recomenda-se ligar para o/a responsável e perguntar o que pode ser feito. Casos mais graves deve-se chamar socorro imediato ou ir à busca de um.

✓ Dicas gerais

Se for um evento grande em que outras escolas estarão presentes, o professor pode fazer uma identificação para o ônibus. Exemplo: “Colégio XXXX” e prender com fita adesiva na frente e do lado do ônibus em uma folha A4, na posição paisagem e fonte legível.

A depender do local a ser visitado, acionar a Prefeitura para pedir apoio de guardas

municipais, também não é de todo estranho, principalmente se a visita for a locais abertos, como uma Cidade; o professor pode receber um sim ou não, mas de qualquer forma ele já tem um não como resposta, se tentar, pode ser que consiga um agente municipal que ajude na segurança do grupo.

Provavelmente quem irá digitar toda a documentação citada é o professor em conjunto com a equipe que o mesmo montou, por isso ser importante que os agentes profissionais escolares escolhidos pelo professor sejam proativos e responsáveis. Embora seja uma saída, é um trabalho que exige uma constante responsabilidade e atividade.

Levar sacos de lixo, orientar do uso do banheiro, um de cada vez. Os professores devem sentar de forma dispersa no ônibus para evitar qualquer tipo de atrito, bagunça ou paquera no ônibus. Os estudantes precisam estar sentados, cada um em um assento e com o cinto de segurança.

Os documentos que foram mostrados nas figuras 2 (primeira parte da autorização), 4 ('Ofício') e 5 (lista de chamada) precisam ser levados pelo professor responsável, a lista de chamada é distribuída pelos profissionais que estarão na saída. O 'Ofício' e a Lista de chamada precisam estar atualizadas, ou seja, o estudante cujo nome está nos dois documentos, realmente está presente na saída técnica.

Ao chegar ao local, orientar mais uma vez da necessidade de andar em grupo, de não ir desacompanhados a nenhum lugar, nem ao banheiro, de não sair sem avisar a algum responsável, para não entrar em atrito com ninguém, não aceitar nada de nenhum desconhecido. Se acharem necessário a confecção de um crachá de identificação do estudante, deve fazê-los, com as informações: nome e telefone do colégio e da equipe da saída técnica, se é alérgico a algo, tipo sanguíneo, e o que mais achar pertinente. Se for uma visita guiada, orientar para que os estudantes estejam sem os fones e prestarem atenção.

É importante que o professor entenda que está saindo com jovens, logo parada para fotos, sociabilidade e registros para as redes sociais dos estudantes são momentos importantes para eles. Reserve tempo para isso. No momento do lanche, orientar para ser em um local próprio e descartar o lixo no local adequado.

A própria equipe de agentes escolares precisam registrar os estudantes no evento, no local da saída técnica os estudantes interagindo, isso pode ser mostrado posteriormente em uma reunião de responsáveis, por exemplo.

Os agentes profissionais em acordo com os jovens podem marcar um horário e local de encontro, por exemplo, se a saída técnica for ver uma exposição em um *shopping*, é

comum que eles queiram um tempo para passear pelo local e lanchar. Se assim for, oriente para não sair do *shopping*, marcar um local e horário de encontro e se precisar de ajuda, procurar um segurança. No local indicado, fazer a chamada.

No embarque do ônibus para o retorno, fazer a chamada novamente dos estudantes. Nenhum estudante pode ser esquecido. É comum que no fim da saída a bateria dos celulares dos estudantes esteja descarregada, por isso, um professor precisa poupar sua bateria para avisar o colégio que o grupo está retornando para o colégio, logo, os responsáveis que ligarem para o colégio em busca de notícias, serão informados do retorno. Mas há imprevistos como chuva que causa alagamentos, engarrafamentos o que pode atrasar no retorno. Por isso que a segunda parte da autorização deve ficar com os responsáveis, nela há o contato da escola (FIG. 3).

No retorno, os estudantes estão cansados, mas mesmo assim os professores precisam estar sentados de forma dispersa no ônibus, da mesma forma que foram na ida. Se os estudantes vão poder descer no meio do caminho ou se só desembarcarão no colégio é um acordo prévio que os professores e os estudantes precisam ver e estar assinalado na autorização. Por sinal, na saída técnica, o professor responsável precisa levar as autorizações para verificar tal afirmação que o estudante possa dar. Ou já preparar esta documentação para saber quem realmente pode e quem não pode descer fora do local de desembarque.

No desembarque orientar para recolherem o lixo, verificarem se não esqueceram nada, alinhar o banco do ônibus, se os estudantes estiverem com o crachá, recolher. Quem o responsável irá buscar no colégio precisa permanecer dentro do colégio para evitar dispersões entre os jovens. O trabalho dos professores em uma saída técnica com a educação básica termina quando todos estiverem com os seus responsáveis e em segurança.

✓ Após a saída técnica

Importante que os professores façam rodas de conversa e averiguem o quão foi interessante os estudantes terem ido, ou não para a saída, bem como um relatório para ser entregue. Isso vai permitir o aprimoramento para próximas saídas. A mesma conversa deve ocorrer entre os agentes escolares que foram na saída, ou seja, avaliarem a saída.

Os professores não conhecem todos os estudantes, mas se durante a saída técnica ocorrer alguma infração por parte de um estudante (ingeriu bebida alcoólica na embalagem de um refrigerante, por exemplo), é importante que haja uma reunião entre os professores da saída técnica, a equipe diretiva e o/os responsável/veis pelo estudante e que tudo seja

esclarecido e anotado no livro de ocorrência da escola e assinado por todas as partes envolvidas. Provavelmente, havendo outra oportunidade de saída, este estudante está vetado.

Por isso ser muito importante a transparência das regras, para que ninguém saia prejudicado. Há casos de estudantes que saem do lugar da saída, que ingerem bebida alcoólica, que se aventuram com pessoas desconhecidas, mesmo com os docentes estando atentos. Um estudante encoberta o outro, mas mesmo assim, a única situação que o docente pode fazer é uma reunião com os responsáveis e anotar no livro de ocorrências. Isso é importante até para resguardar os professores, o colégio e um futuro professor que desconheça tal ação do estudante. Justifica-se aqui a segunda parte da autorização (FIG. 3), os responsáveis também precisam orientar seus tutelados.

Com isso, percebe-se porque tantos colegas docentes declinam de irem a saídas, porque não é um passeio, é mais trabalhoso do que ficar em sala de aula e em um ambiente controlado e conhecido, mas para o estudante é uma experiência singular e que pode, ou não, fazer toda a diferença para aquele estudante a partir desta vivência.

Mas há também os professores e agentes profissionais que nunca conheceram esta experiência enquanto docentes, a saída técnica, por isso é importante que o professor responsável dê a um colega a chance de aprender também a agir fora do ambiente escolar, isso ajuda na carreira do colega que levará esta experiência para si, podendo utilizá-la na própria escola ou em outras, é o saber experiencial citado por Tardif (2014) e por Leal; Meirelles (2019).

Logo, da equipe que o professor montar, o ideal é que um seja o inexperiente para que possa aprender, já que não dá para arriscar sair com tantos profissionais que não tem o hábito de sair com estudantes, isso sobrecarregaria o professor responsável e arriscaria a segurança dos jovens estudantes. Dividir a responsabilidade aumenta o protagonismo do profissional e automaticamente sua aprendizagem em saídas técnicas.

Imprevistos que não foram relatados aqui podem ocorrer, por exemplo, se um estudante se machucar ou passar mal, é necessário retornar para o colégio, entrar em contato com os responsáveis, se for o caso de ir para um atendimento, um dos responsáveis fica com esse estudante. Se acontecer um furto/roubo, chamar uma autoridade de segurança. Sempre lembrar que tais recomendações são para evitar imprevistos, mas não tem como prever. Manter a calma e conversar com os outros colegas sobre o que fazer. Toda atitude tomada deve ser em consenso entre todos os responsáveis pela saída.

5. Discussão

“Ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário”.

Paulo Freire.

A saída técnica com estudantes da educação básica faz com que os discentes vivenciem e aprendam, embora seja uma experiência singular e dificilmente mensurável por meio de uma avaliação tradicional como uma prova. É um processo de ensino e aprendizagem, porque estimula atitudes nos estudantes e habilidades intelectuais nos mesmos (MORA, 2017).

As limitações para o ensino e aprendizagem de uma saída técnica é a dispersão dos estudantes, a seleção errônea do local e atividade com a série e idade dos escolares, a ausência de um mediador, mesmo que seja o professor da escola para conduzir a saída técnica. “Recomenda-se que, ao longo das etapas de aplicação da técnica, o professor comporte-se como facilitador e orientador junto aos estudantes. Tal postura atenuará possíveis dificuldades que possam surgir ao longo do processo” (LEAL; MIRANDA; NOVA; 2018, p. 204).

A programação da saída técnica para os estudantes incentiva-os a participar do processo de ensino e aprendizagem, assim, o roteiro (ou a presença do mediador) auxilia com encaminhamento das orientações que os estudantes precisam executar durante a saída.

Ao se considerar os saberes docentes de Tardif, o autor canadense afirma que “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir essa saber a outros” (TARDIF, 2014, p. 31). Esses ‘outros’ podem ser os estudantes em uma saída técnica e outros agentes profissionais e professores que não aprenderam a sair com estudantes em sua formação inicial e continuada. Em especial os saberes experienciais, de acordo com o autor:

Pode-se chamar de **saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos.** Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação (TARDIF, 2014, p. 48-49 – grifo nosso).

Vê-se então que o aprender a sair com estudantes e gerir uma saída técnica aprende-se

na prática docente e com outros colegas dos espaços escolares, por meio das interações. Os professores socializam e com isso aprendem e ensinam uns com os outros, compartilham experiências exitosas e outras que não tenham sido prazerosas, mas que servem de alerta para outro colega docente. “Eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação” (TARDIF, 2014, p. 53).

As ideias de Tardif (2014) coadunam com as de Imbernón (2010), para o pesquisador espanhol a formação continuada do docente que ocorre quando acompanha um professor mais experiente em uma saída técnica, por exemplo, deve gerar mudanças. E essa mudança ocorre como uma formação coletiva dos professores em partilhar seus saberes e em serviço.

Quando não ocorre a partilha de saberes, a formação torna-se individual e nas palavras de Imbernón “a formação personalista e isolada pode originar experiências de inovação, mas dificilmente originará uma inovação institucional e de prática coletiva dos professores” (IMBERNÓN, 2010, p. 67). O isolamento do profissional não gera frutos que são os saberes compartilhados, mas a instituição escolar também deve propiciar essas partilhas, como a ocorrência de reuniões, de formação continuada no colégio, de mais liberdade para a equipe de profissionais. Reuniões nas quais pode-se mostrar as fotos das saídas técnicas e se for possível, pedir aos agentes profissionais escolares que falem de suas experiências. Isto pode encorajar outros colegas a também saírem com estudantes. Imbernón (2010) defende a formação continuada no coletivo, logo, o momento de partilhar o conhecimento é igualmente importante.

As saídas não devem gerar ônus para o docente, por isso ser importante que a saída técnica com os estudantes seja bem organizada e com os documentos necessários (como os das figuras 1, 2, 3, 4 e 5). E os docentes precisam constantemente se autoavaliarem e avaliarem as técnicas de ensino e aprendizagem que tem utilizado e transformarem se for preciso.

Villela afirma que quando o professor faz uso das ideias de Freinet, deve-se considerar algumas posturas necessárias para que ocorra de fato o ensino e a aprendizagem em qualquer que seja a prática escolar, como a saída técnica, de acordo com a autora, “o professor deve exercer uma posição ativa, orientando, ensinando, sistematizando conteúdos, sugerindo, canalizando as atividades para o seu planejamento e exigindo de seus alunos coerência, responsabilidade e comprometimento” (VILLELA, 1991, p. 54).

Logo as ‘Aula-passeio’ de Freinet e as saídas técnicas aqui defendidas tem em comum as saídas com os estudantes em prol da aprendizagem. Para que ocorra aprendizagem, ou que

sejam criadas situações para sua ocorrência no futuro, a saída precisa ser bem planejada e com uma equipe de profissionais alinhada e disposta a compartilhar seus saberes.

A inclusão da saída técnica como recurso didático desloca o local de produção de conhecimento e requer mudanças de métodos por parte do professor (ARAÚJO; PRAXEDES, 2013). A saída com estudantes precisa ter um objetivo e uma justificativa clara para os estudantes. A aprendizagem ultrapassa as barreiras disciplinares que a escola impõe porque gera mais cultura nos envolvidos, o capital cultural.

Para Vieira; Vieira (2005) as saídas técnicas, os autores português denominam de trabalho de campo, possibilitam também mudanças nos estudantes, pois os mesmos passam a questionar, refletir e discutir no que está sendo apresentado a ele. Os professores e ou os mediadores podem questionar os estudantes durante a saída técnica o que pode gerar reflexões que se traduzem em indícios de aprendizagem.

Assim, como resultados das experiências vividas e compartilhadas por agentes profissionais da educação em 2019, com as saídas patrocinadas pela SEEDUC-RJ, é possível rever, fazer reflexões e análises desses encontros.

Percebeu-se que um trimestre é pouco tempo para mais de mil escolas realizarem suas saídas com êxito pedagógico, pois, os locais educativos já estavam com suas agendas lotadas o que inviabiliza um bom aproveitamento da saída.

Uma alternativa singular foi levar os estudantes há lugares inusitados, como a subida do 'Morro da Urca', onde há uma trilha e depois fazer um pequeno circuito no Bairro da Urca (RJ) e sua importância para a entrada da Baía de Guanabara. Esta saída exigiu estudo, trabalho físico e atitude; os três professores que foram com 42 estudantes do Ensino Médio, além de ter sido excludente, pois estudantes gestantes e com necessidades locomotoras não puderam ir. Foi proveitosa, pois os três professores tinham grandes contribuições para dar uma aula naquele lugar (Biologia, História, Sociologia), portanto, assumiram o papel de mediadores, além de já terem uma história de saídas técnicas juntos, o que permite um melhor alinhamento de ideais e tomadas de atitudes em conjunto e sem conflitos.

O ideal é que a verba, caso tenha no futuro, seja liberada no início do ano, assim, os professores e os locais para visita têm mais tempo para se organizarem e recepcionarem bem os estudantes. Fica como uma crítica para a SEEDUC-RJ, porque cobra tanto o planejamento docente, mas esqueceu-se que o último trimestre é muito pequeno e importante para os estudantes terem saídas concentradas. Prejudica até mesmo as aulas dos demais colegas professores que ficam na escola, pois a falta do estudante acaba sendo justificada.

Os estudantes também vão amadurecendo conforme acumulam experiências nas saídas técnicas em suas interações, comportamentos e vão se direcionando para as áreas com mais interesse e levam esses conhecimentos para seus pares, ou seja, seus colegas estudantes e sua família.

A saída com os estudantes educa, favorece a afetividade e o interesse pelo estudo (VILLELA, 1991; VIEIRA; VIEIRA, 2005; ARAÚJO; PRAXEDES, 2013; ÁVILA, 2016; FORTUNADO, 2016; LIMA, 2016; LIMA, 2017; MORA, 2017; LEAL; MIRANDA; NOVA; 2018; SANTOS et al., 2018; BARROS; VIEIRA, 2019), mas requer preparação para obter o êxito e um bom relacionamento com os envolvidos, tanto os agentes profissionais escolares quanto os estudantes. Os estudantes passam a ver os professores fora da sala de aula e começam a ter outras interpretações daquele sujeito que verbaliza em sala de aula e em um ambiente controlado.

6. Considerações finais

“O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos”.

Paulo Freire.

Sair com estudantes exige mais trabalho do que dar aula em um local fechado e conhecido: a escola e a sala de aula, mas as saídas com os estudantes geram em cada um dos participantes vivências, desperta sonhos e incentiva interesses. Cada indivíduo a vivencia de forma única.

Os docentes que nunca saíram com estudantes têm nesta experiência a oportunidade de aprenderem a gerir, planejar e atuar em uma saída com estudantes e em breve ele passa a assumir saídas, e assim vê-se que também é uma formação continuada em serviço: a saída com os estudantes.

Mas para um professor inexperiente ser convidado pelos demais, precisa ter algumas características que demonstra na escola, como a solidariedade, a liderança, a gestão de classe. Compreender que a saída para os estudantes até pode ser um passeio, mas para os profissionais da educação é um trabalho e como tal, deve-se ter algumas atitudes de responsabilidade, como ficar próximo ao grupo, atender aos pedidos do professor responsável, ser responsável, não ingerir bebidas alcoólicas, a vestimenta adequada para uma saída com estudantes, entre outras que cada contexto escolhe o que melhor encaixa no perfil

da saída, da turma e do local.

As saídas quando patrocinadas precisam ser organizadas com o mesmo zelo para que ocorram com sucesso. Os documentos precisam ser organizados e adequados a cada contexto, a orientação aos estudantes precisa ser clara, sem ruídos na comunicação. Ter o cuidado de nenhum estudante ser esquecido. Sempre alerta, ter paciência com os jovens. São tantas as situações que podem acontecer que o professor responsável precisa de uma equipe proativa que resolva problemas, casos eles apareçam e não que seja um problema na saída.

Dependendo do lugar que for visitado, os estudantes podem se sentir inibidos, por nunca estarem em um lugar como aquele, mas os profissionais devem estimular os estudantes a explorarem os locais, a realizarem perguntas, a participarem. Então, vê-se a necessidade de outra característica nos agentes profissionais, não podem ser tímidos, mas atentos às demandas e comportamentos dos estudantes e estimulá-los. Por exemplo, foi observado que os estudantes de escola pública sentem-se mais acanhados na presença de uma escola particular, eles tem vergonha da blusa do colégio, ficam silenciados, principalmente os mais velhos, como os do Ensino Médio. Trabalhar a autoestima dos estudantes também foi uma demanda que se viu na hora da saída técnica.

Quanto mais os agentes profissionais realizarem perguntas aos mediadores, aos profissionais dos locais visitados com os estudantes, esses mesmos vão aprendendo e se modelam para fazer o mesmo, compreendem que aquela pode ser sua única oportunidade de comunicação com o local. Assim como os estudantes veem nessa atitude a coragem de também arguirem os mediadores e participarem dos debates, tirarem suas dúvidas e serem mais ousados. Sem o medo do que os demais podem pensar.

Assim, este relato de experiência alcançou dois objetivos, um declarado e outro subentendido: compartilhar vivências de saídas técnicas com estudantes da educação básica, bem como apontar caminhos para que professores façam suas saídas técnicas e que tenham formação *in loco*.

Espera-se que com este estudo, os colegas de profissão, os agentes educacionais e os estudantes saibam aproveitar melhor uma saída técnica, pois o aprendizado é intransferível, o que eles viveram e vivenciaram ninguém nunca irá tirar deles. E assim, a educação vai de fato tornando-se democrática e fora dos muros escolares. A saída técnica precisa ajudar os participantes (agentes profissionais e estudantes) a desenvolverem-se para a pesquisa, e não como uma atividade de passeio. Evita-se tal interpretação por meio de planejamento. Já que na pesquisa há participação, questionamentos e possivelmente, aprendizagens.

Referências

- ARAÚJO, M.F.F.; PRAXEDES, G.C. A aula passeio da pedagogia de Célestin Freinet como possibilidade de espaço não formal de educação. **Ensino em Re-*vista***. Uberlândia: MG. V. 20, nº 01, jan./jun., 243-250p, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23226>>. Acesso em: 20 de jul, de 2020.
- ÁVILA, S.G.R. Aportaciones de la pedagogia Freinet a laeducación em España. **Tendencias Pedagógicas**. Nº 27, 231-250, 2016. Disponível em: <<https://revistas.uam.es/tendenciaspedagogicas/article/view/3012/3226>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.
- BARROS, F.C.O.M.; VIEIRA, A.M.S. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. **Revista Internacional de Formação de Professores**. SP. V. 04, nº 04, 79-91p, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1498> >. Acesso em: 06 de jul. de 2020.
- FORTUNATO, I. Aprendendo com Célestin Freinet: o passado ainda é presente. **Tendencias Pedagógicas**. Nº 27, 251-258p, 2016. Disponível em: <<https://revistas.uam.es/tendenciaspedagogicas/article/view/3013/3227> >. Acesso em: 06 de jul. de 2020.
- IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Tradução: Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010, 120p.
- LEAL, E.A.; MIRANDA, G.J.; NOVA, S.P.C.C. **Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2018, 235p.
- LEAL, C.A.; MEIRELLES, R.M.S. As interações docentes na partilha de saberes ‘tardifianos’. **Ensino em Re-Vista**. V. 26, n. Especial, p. 1148-1170, 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/52069/27660>>. Acesso em: 06 de jan. de 2020.
- LIMA, N.M.F. Freinet: perspectivas e contribuições no âmbito do ensino-aprendizagem. **Educação básica revista**. V. 02, nº 02, 1-6p, 2016. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/REB/article/view/136>>. Acesso em: 06 de jul. de 2020.
- LIMA, R.R. Contribuições pedagógicas de Célestin Freinet. **Ensaio Pedagógicos**. Sorocaba: SP. V. 01, nº 01, jan./abr. 87-94p, 2017. Disponível em: <<http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/10/29>>. Acesso em: 06 de jul. de 2020.
- MORA, F. **Neuroeducación: solo se puede aprender aquello que se ama**. 2ªed. Madrid: Alianza editorial, 2017, 245p.
- SANTOS, D.M.; DEMIZU, F.S.B.; PERIN, C.S.B.; MOLINA, A.A. A influência da pedagogia Freinet na função do professor no contexto educativo e sua proposta para uma escola moderna. **Pedagogia em Foco**. Iturama: MG. v. 13, nº 09, jan./jun., 52-64p, 2018.

Disponível em: <<http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/325>>. Acesso em: 06 de jul. de 2020.

SILVEIRA, D.T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 31 –SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T.E.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução: Francisco Pereira. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 325p.

VIEIRA, R.M.; VIEIRA, C. Estratégias de ensino/aprendizagem. **Coleção: Horizontes Pedagógicos**, 1ª ed.: Lisboa: Instituto Pedagógicos, 2005, 152p.

VILLELA, M.F.F. A pedagogia Freinet e a escola pública: uma nova abordagem para um velho problema. **Pro-posições**. Campinas: SP, nº 04, abr., 52-59, 1991.

Recebido em: 23/07/2021

Aceito em: 24/01/2022

Endereço para correspondência:
Cristianni Antunes Leal*

caleal1@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

|